

História do Tempo Presente e o Golpe de 2016 no Brasil por meio das charges de Carlos Latuff

Kleire Anny Pires de Souza^I

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre o uso de charges como fontes históricas, dentro da perspectiva de análise do tempo presente. Utilizando como base as charges produzidas pelo artista Carlos Latuff como fonte. O presente trabalho discorrerá sobre a inclusão das charges como fontes históricas e analisará os diversos tipos de charges e seus intuitos após o Golpe de 2016 no Brasil. Considerando a estigmatização do uso de charges ou de outros meios inconventionais como fontes diante da construção das narrativas históricas, o trabalho pretende demonstrar que as charges são um meio válido como instrumento do historiador na prática de seu ofício enquanto produtor de pesquisas e análise. No mesmo contexto que partir das fontes, a discussão sobre a narrativa do Golpe de 2016 no Brasil e de que maneira ele se constituiu e se consolidou com base nas charges em estatísticas públicas.

Palavras-chave: Charge, Tempo presente, Golpe de 2016.

Time history presents and the Coup 2016 in brazil through carlos latuff cartoons

Abstract: This work aims to present a reflection on the use of cartoons as historical sources, within the perspective of the analysis of the present time. Using as critical the cartoons produced by the artist Carlos Latuff as a source. This paper will discuss the inclusion of cartoons as historical sources and will analyze the different types of cartoons and their intentions after the 2016 Coup in Brazil. Considering the stigmatization of the use of cartoons or other unconventional means as sources in view of the construction of historical narratives, the work intends to demonstrate that cartoons are a valid means as an instrument of the historian in the practice of his craft as a producer of research and analysis. In the same context as starting from the sources, the discussion about the narrative of the 2016 Coup in Brazil and how it was constituted and consolidated based on cartoons in public statistics.

Keywords: Cartoon; Present time; 2016 Coup.

Artigo recebido em 27/06/2020 e aceito em 12/08/2020

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Introdução

A História do Tempo Presente possibilita a construção de um novo *modus operandi* dando novas condições de aplicabilidade para interdisciplinaridade e para a “velha” história. Oferecendo novas margens para se encarar novos objetos dentro do antigo pensamento das escolas francesas, nesse caminho, possibilitou o surgimento da noção de que o presente enquanto instrumento teórico-metodológico de análise é válido e que há sim ofício em o fazer, pois, nele existe a discussão de narrativas historiográficas produtos do seu tempo. Visto que “sujeito e objeto estariam ‘mergulhados’ em uma mesma temporalidade, que, por assim dizer, ‘não terminou’”^{II}.

Se pensarmos nas representações segundo Chartier, o historiador do presente é fruto do mundo social e logo que é qualificado se torna cientista e produto do seu tempo para argumentar sobre as ocorrências nele vividas^{III}, os espectros possibilitados por tais incorporações dariam margem para um sentido ao presente, uma clareza ao outro, bem como a decifração de um espaço que só existe graças a memórias viva de quem constrói aquela narrativa histórica. Chartier escreve:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.^{IV}

A vivência de uma realidade em determinado contexto ajuda a produzir no local temporal na qual o historiador constrói a crítica. Realizadas as considerações iniciais, este trabalho tem a finalidade de compreender as representações do Golpe de 2016 no Brasil, considerando as charges produzidas por Carlos Latuff entre os anos de 2015 a 2017, diante de um olhar atual. Dessa maneira, é evidente que a charge é um material de natureza visual; assim sendo, esse estudo dará ênfase no campo das imagens e também da política na lógica de produção do tempo presente para se pensar a construção do Golpe de 2016.

Charges, impeachment, golpe?

A charge^V do francês significa exagerar, distorcer, carregar, o que a torna diferente de ilustração, ou fotografia. Normalmente acompanhadas de textos, apesar de ela não ser apenas um complemento e sim algo concreto por si só. Segundo a pesquisadora Dennise Vasconcelos, a charge “apresenta os fatos do cotidiano criticando e denunciando, para isso faz uso da ironia e do humor”^{VI}. Para a história, é uma valiosa fonte da pesquisa, seu panorama político se enquadra em um tipo de meio representativo de ideia e crítica, onde seus principais veículos de dissipação são os meios de comunicação. É um desenho jornalístico que se baseia no objetivo de demonstrar uma visão de algo ou alguém acerca de um acontecimento do seu tempo.

Apresenta situações políticas que a sociedade vive e seus problemas e os recria com os recursos gráficos que lhe são característicos. A charge é reflexo de um momento do tempo; ela é fruto de um ser social inserido num meio específico. Na pesquisa, são as representações do golpe por meio das charges do artista Carlos Latuff. O chargista toma a parcialidade de uma situação a partir da sua mentalidade e cria ilustrações a qual usa como expositor de críticas ou como a venda da sua força de trabalho.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Charges podem ser usadas enquanto representações historiográficas, pois, quando comparada a fontes históricas, podem complementar e tornar importantes para compreender grupos sociais distintos, uma vez que estas representam e são frutos de experiências de seu tempo. No recorte de tempo determinado pelo tema escolhido pelo autor, podemos inserir a percepção do historiador para fazer uma análise crítica da sociedade, usando a obra construída pelo autor que de maneira parcial esboça sua ideia acerca do momento representado.

Posto isso, ao serem trabalhados elementos caricatos da sociedade, o chargista consegue transpassar suas ideias críticas por meio das charges, usufruindo do imaginário social para montar críticas de um período específico e expor sua visão temporal, tornando assim a charge totalmente munida de representações do seu tempo.

No caso do processo de impedimento regulamentado pela Lei nº 1.079, de 10 de abril de 1950^{VII}, que assegura a existência do processo de impeachment, caso haja crimes de responsabilidade. Se confirmado, é enviado um pedido ao presidente da câmara dos deputados sendo preciso que ele concorde. Concordando, o requerimento é analisado por uma comissão composta por integrantes de todas as bancadas da câmara dos deputados necessitando que a câmara também aceite. Depois, há o julgamento, momento em que o acusado se defende. O pedido então é votado e precisa ser aceito pela maioria qualificada, ou seja, por dois terços dos deputados. Caso seja um crime comum, o acuso é julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF); caso seja um crime descrito nos atos da Lei nº 1.079, chamados crimes de responsabilidade, é julgado pelo senado.

Em vista disso, o processo de impeachment da presidenta Dilma Vana Rousseff (PT) começou legalmente quando um dos 37 pedidos apresentados foi aceito pelo então presidente da Câmara dos Deputados Federais, Eduardo Cunha (PMDB), que era investigado por corrupção na operação “Lava-Jato”. Após a abertura do processo, foi elaborada a comissão especial, selecionando 65 (sessenta e cinco) deputados, que, por unanimidade, votaram pela abertura. Todos eram do partido político PSDB, adversários políticos da presidenta.

Depois da aprovação da comissão especial, a votação em aberto do impeachment foi transmitida ao vivo, onde ocorreu o espetáculo midiático exibido em rede nacional por todos os canais da TV aberta, em que 513 deputados votaram; dentre eles, 367 foram votos favoráveis. Logo passou para a decisão dos senadores, onde foram votantes 81, sendo que 61 votaram pelo impedimento da presidenta.

Ao escolher a palavra golpe, deve-se pensar o contexto ao qual ela se anexa. Para abordar o assunto retrato por Carlos Latuff por meio de suas charges, faz necessário compreender o sentido da palavra política a qual abarca o significado escolhido pelo chargista para montar suas críticas e seus temas. Por política, entende-se em diversas áreas, múltiplos significados, sendo plural e abrangente, mas do grego de onde se origina, significa para ou relacionado a grupos que integram a pólis. “Pólis” cria suas derivações no caso a palavra “*politiké*” (política) e “*politikós*” (cidadãos), ou seja, a política se relacionava com a pólis, o modelo antigo de cidade gregas.

Nesse sentido, política é a ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados e os cidadãos são políticos, uma vez que organizam as cidades. Como aponta Ramos, Aristóteles enxerga o ser como um animal político porque diferente dos outros seres vivos, possui razão e o discurso e capacidade de organização^{VIII}. Por meio desse ensejo e do discurso, o ser desenvolveu as noções de justo e de injusto, de bem e de mal, de opostos, do certo e errado. Essas percepções só se desenvolvem em conjunto e formam a base da política.

Segundo Ramos, a política em Aristóteles tem duas tarefas: descrever a forma de um Estado Ideal; e a de determinar a forma do melhor estado possível em relação a determinadas

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

circunstâncias^{IX}. Esclarecido isso, podemos colocar em análise a escolha da palavra golpe e do porquê essa terminologia é adotada nesse contexto político, pois a adoção de uma determinada palavra a carrega de ideologia. Uma palavra é o símbolo de uma definição de contextos e crenças, ou seja, ela é munida de um poder oculto que carregada em si crenças e concepções, “[...] a palavra fascina e como ela está impregnada de intencionalidades, de dizeres explícitos e implícitos, se estabelece enquanto se reveste do caráter de poder e de ideologia”^X. Ao escolher o uso da palavra, tomamos lado nos eventos ocorridos no contexto político brasileiro de 2016, e nos unimos do aporte historiográfico da imagem, com as charges de Carlos Latuff:

As charges, como não poderia deixar de ser, exprimem as posições políticas e ideológicas de seus autores, e estão sujeitas tanto a essas condições subjetivas, quanto às condições objetivas da realidade política e histórica do momento em que são criadas e desenhadas^{XI}.

A escolha fundamentada numa posição ideológica mostra apenas uma narrativa historiográfica que foi escolhida, e disso se reflete porque chamar esse momento de golpe, mas a grande questão a ser determinada é que a palavra em si tem sentido variado dependendo de qual campo ela é observada. Em seu significado concreto de origem, golpe significa uma situação ou acontecimento que não foi previsto; mas no caso do contexto que ela simboliza, o Brasil de 2016, seu sentido passa a carregar para além disso, pois cabe perguntar: “Que tipo de Golpe?”.

Analisando a história do Brasil, são perceptíveis outros ‘golpes’; mas há de ser classificado, uma vez que, diferente do Golpe de 2016, o Brasil, em sua narrativa historiográfica, já enfrentou outros tipos variantes da palavra. Faz sentido refletir que em 30 anos de democracia, completados em 2015, o jovem modelo político surgiu com fim do golpe militar, que também semelhante ao de 2016 foi orquestrado antes do processo ilegal ser de fato concluído, mas se pontua a diferença entre 1964 e 2016. Mesmo que ambos tenham sido orquestrados por uma elite que abusou do poder do dinheiro e da mídia, um foi de forma truculenta com respaldo de violência militar, e outro é conhecido como o “golpe da Legalidade”, ou também “golpe Brando”, pois não houve violência significativa pela tomada do poder, apenas uso de estratégias inconstitucionais e jogos políticos.

O golpe de 2016 no Brasil, diferente do militar de 1964, usou uma força violenta, mas não a das armas e sim a da informação. A coisa que os dois golpes têm em comum é o fato de que a elite cria um circo midiático, em que orchestra uma trama para disseminar suas ideias nas quais visam ao benefício próprio e ao aumento de suas riquezas, criando instabilidade política e a produção de farsas pelos meios de comunicação, que financiam e montam o desmanche democrático. Guy Debord comenta a questão “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”^{XII}.

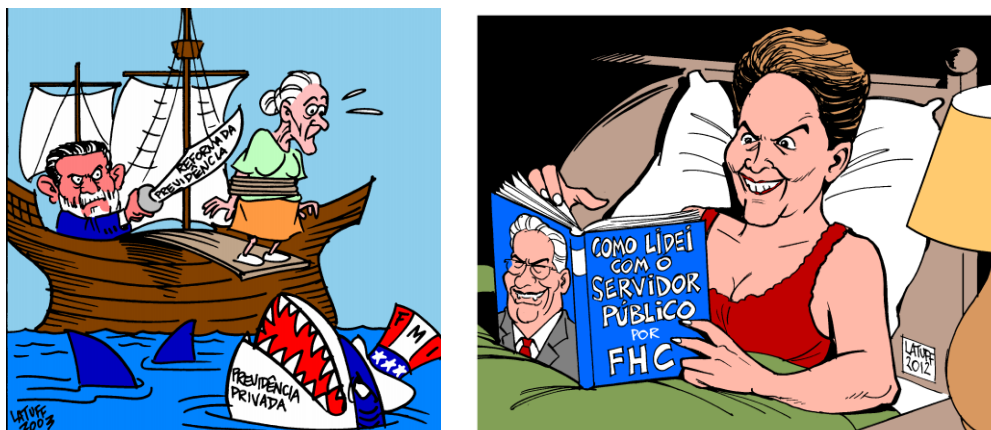
De forma sumária, os golpes na América Latina são feitos por uma elite de poder insatisfeita com as políticas de ajuda social voltada para as classes baixas, também se postulam contra a defesa de territórios de aborígenes e da proteção ambiental, formulando cada vez mais as políticas de desmonte do assistencialismo e da consolidação do estado de exceção. Sobre essa questão, o Portal Vermelho, que aborda ideias sobre política pela América Latina, comenta: “Foi-se o tempo que os Golpes de Estado chegavam a bordo de tanques de guerra. Agora são chamados de “golpes brancos”, e são elaborados com um tripé básico: grande imprensa, judiciário e oposição bem articulada”^{XIII}.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

No contexto brasileiro, Latuff produziu duras críticas aos governos; suas charges são reflexos dos seus pensamentos e dos seus segmentos políticos. Diferente do que pensam, Latuff não critica apenas um partido, ou um político, como se pode observar nas charges – figuras 4, 5 e 6:

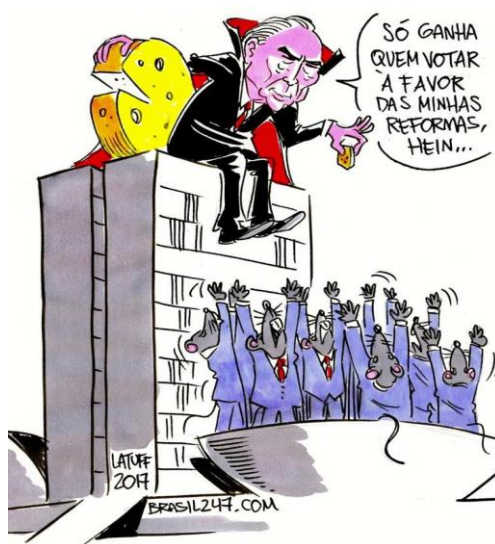
Figura 4, 5:



Fonte: MIANI, R. A. **Coletânea de charges de Carlos Latuff**. UEL. 2016 Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/ColetaneaChargesLatuffGovernoLula.pdf>
Acesso em: 26 de Julho de 2019

Latuff Cartoons. <https://latuffcartoons.wordpress.com/2012/07/13/charge-psindscope-o-livro-de-cabeceira-de-dilma-rousseff/>

Figura 6



Fonte: Brasil 247 17 de maio de 2017. <https://www.brasil247.com/cultura/latuff-temer-alimenta-ratos-do-congresso-para-garfar-sua-aposentadoria>

Carlos Latuff se constrói como um ativista e crítico político, em que sua mira aponta para destoantes do seu pensamento político, não seguindo partidos políticos ou ideologias,

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

como ele mesmo se aponta em seu perfil oficial no Twitter. “[...] encenqueiro. Chargista visual da barbárie”. Sendo assim, não passaria despercebido de Latuff o processo político que ocorreu no Brasil em 2016, no qual o chargista defendeu sua posição intitulando o processo como golpe. Defensor das democracias e contrário ao imperialismo americano, Latuff, mesmo se posicionando contrário ao governo de Dilma Vana Rousseff, ainda entendeu todo o processo como um golpe, que depôs uma presidenta eleita democraticamente por puro interesse de outras classes.

A palavra *charge* origina-se do francês *charge*, que significa exagerar, carregar, guardar; nesse sentido, *charge* se remete a exagerar em algo, carregar algo, ou guardar algo. Utilizando da iconografia como sua principal arma de crítica, a *charge* se constitui no campo das fontes e serve como um processo de ensino e aprendizagem em todas as áreas. A *charge* é fruto do seu período histórico, e isso mostra seu valor educativo para História, bem como seu valor enquanto material historiográfico. O pesquisador Fabiano Colho menciona que “As *charges*, como fontes históricas, podem se tornar significativas para compreender os grupos e como estes representam suas experiências históricas”^{XIV}.

Nesse sentido, Mauad nos diz que as imagens são históricas, e dependem das mutáveis técnicas de estéticas e do recorte histórico que as produziram, bem como as diferentes visões de mundo que concorrem no jogo das relações sociais^{XV}. Entretanto, a *charge* se difere dos demais artifícios da iconografia, pois ela possui variados espectros dentro de si. Com Carlos Latuff, a *charge* se mostra uma *charge* política, que vai além dos outros tipos, indo até além do simples conceito de caricatura como traços característicos e físicos do personagem; engloba questões sociais, políticas do seu produtor, ou seja, um profissional engajado. Não trata apenas da deformidade e sim do objetivo político. O especialista Alberto Gawryszewski menciona “Na verdade, a caricatura (ou *charge*) pode expressar sua ideia indo além do desenho de um simples personagem. Ela pode desnudar, descobrir, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação”^{XVI}.

Destacar a *charge* como artefato político é de grande importância para os editoriais, visto que ajuda na compreensão das matérias para um público desinformado, e até se torna atemporal, uma vez que a imagem pode ajudar outros períodos a compreender o local histórico o qual se passava quando a *charge* foi publicada junto àquele editorial. A *charge* política é mais que um componente de um editorial, não é uma simples figuração de uma matéria. Esse material, em si só, representa as ideias que seu artista procurou expressar, seja vendendo seu trabalho, ou como opinião própria. Com o riso crítico começou com a I República no Brasil e seus conflitos. Os chargistas da época eram inúmeros, porém tinham outras profissões de influência; aproveitavam-se desses outros cargos para poderem divulgar essas imagens cômicas relatando questões políticas ajudando na disseminação do material. Os chargistas adotavam elementos populares nas suas críticas, animalizavam e distorciam a imagem para criar um sentimento vexatório em seus alvos. Assim, é a primeira vez que aparece o riso agressivo, ou o não riso despreocupado, pois era imoral rir de alguém. Porém, se adotassem elementos caricatos a essa personalidade, poderiam assim usar de justificativa para isso. Segundo Saliba, que faz pesquisa sobre a questão do riso na época da primeira república brasileira:

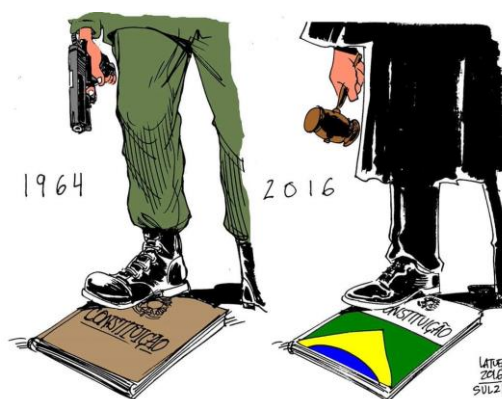
Essa transição serviu de pano de fundo para uma grande produção cômica levando em consideração rixas políticas e rancores pessoais. Era, portanto, a expressão da sátira política que trouxe à tona o riso degradante, agressivo “aumentando a crescente percepção da indiferenciação e da mistura entre o “bom” e o “mau” riso”^{XVII}.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Ao criar suas charges no recorte temporal que se consolida o golpe midiático no Brasil, no período de 2014-2016, Latuff produziu materiais que retratavam o teor político com suas críticas, porém, baseadas em charges, apostando na satirização e no uso do humor gráfico que busca ridicularizar, escrachar, e apontar suas falhas políticas, de maneira vexatória e até cômica, indo até além do simples conceito de caricatura como traços característicos e físicos do personagem alvo das charges, e utiliza de todos esses atributos para retratar acontecimentos sérios. Abaixo na figura, Latuff indica a relação entre o golpe de 1964 e o golpe de 2016; porém, se nota a diferença clara entre as roupas de cada personagem. A primeira roupa representa os militares que deram o golpe no Brasil em 1964 e, ao lado, faz lembrar uma pessoa vestida de toga, um juiz, como se mostra que a justiça pisa na constituição, construindo a narrativa do golpe pseudo-legal.

FIGURA 7



Fonte: Causa Operária. 14 de maio de 2016. Disponível em:

<https://www.causaoperaria.org.br/acervo/blog/2016/03/23/dois-golpes-por-latuff-2/#.XTzkZ8PQjIU> Acesso em: 26 de Julho de 2019

A charge (figura 7), publicada no Diário da Causa Operária, busca expor essa relação entre os golpes e as maneiras diferentes das quais foram consolidados, retratando a constituição sendo pisada, o instrumento (arma) apontado é diferente. No primeiro quadro, é um revólver fazendo jus a violência, mostrando que difere do golpe de 2016 que usa o martelo fazendo jus ao poder. Ou seja, são golpes em cima da constituição, porém seguem maneiras diferentes na sua realização.

Apresenta também a fragilidade constitucional em nosso país, que de forma abundante deixa de ser respeitada e é pisada num tom simbólico de passar por cima, oprimir. A constituição brasileira em sua história passou por diferentes alterações, até se consolidar na mais recente de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, pois, diferente de suas antecessoras ela apresenta textos que beneficiam todos. Outra charge de Latuff, que segue o mesmo precedente acerca do golpe e sua comparação com o golpe de 64, é a publicada pelo jornal Sul21, em 2016.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Figura 8:



Fonte: Sul21 31 de maio de 2016 Disponível em: <https://www.sul21.com.br/imagens/charges/2016/05/latuff-o-golpe-e-o-stf/> Acesso em: 26 de Julho de 2019

A charge faz alusão aos militares do golpe de 64. Na charge, vemos homens engravatados e ao centro a figura do vice-presidente de Dilma Vana Rousseff e seu sucessor após o impeachment, Michael Temer, sendo ele o contraste que puxa o olhar para faixa presidencial. Ainda sobre a imagem, está escrito STF; faz-se entender pela charge de Latuff que Michael Temer tem um exército o qual é chamado de STF e que conseguiram um golpe como o de 64, porém de maneira a não usar a violência, e sim como o trabalho nos mostra através da mídia, dos poderes, principalmente do legislativo.

Existe uma relação profunda do papel do STF, em ambos os golpes, de 64 e de 2016. Em matéria que compara o golpe de 64 com o 2016:

1964: O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Álvaro Ribeiro da Costa apoiou a deposição do presidente da República João Goulart e participou da posse de Ranieri Mazzilli, então presidente da Câmara dos Deputados. 2016: O STF mais uma vez foi omissivo durante todo o processo. Um dos episódios foi em abril de 2016, quando ignorou a violação do direito de defesa pela Comissão Especial do Impeachment^{XVIII}.

O processo de impeachment de 2016 envolveu muitas das questões presentes na charge de Carlos Latuff. A presença da religião na fala dos senadores foi significativa, as falas se manifestavam a favor do Brasil, da família, e principalmente em nome de Deus. Separando as principais falas de cada deputado e montando uma reportagem. Aparece em citação brevemente cada trecho, entre elas estão:

Marco Feliciano (PSC-SP): Com ajuda de Deus, pela minha família e pelo povo brasileiro, pelos evangélicos da nação toda, pelos meninos do MBL, pelo Vem pra Rua, dizendo que Olavo tem razão, dizendo tchau para essa querida, e dizendo tchau ao PT, partido das trevas, eu voto sim! [...] Delegado Waldir (PR-GO): Pátria Amada! Pátria Amada! Seu filho Delegado Waldir não foge à luta! Pelo meu país, por Deus, por minha família, pelas pessoas de bem. Meu voto é sim! Fora Dilma, fora Lula, fora PT! [...] Nilson Leitão (PSDB-MT) - Pela nossa pátria unida, já que o Brasil é um só e ninguém vai nos dividir, eu voto sim. [...] Eduardo Bolsonaro (PSC-SP): Pelo povo de São Paulo nas ruas com o espírito dos revolucionários de 32, pelo respeito aos 59 milhões de votos contra o estatuto do desarmamento em 2005, pelos

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

militares de 64, hoje e sempre, pelas polícias, em nome de Deus e da família brasileira, é sim! E Lula e Dilma na cadeia!^{XIX}

Em todos os discursos apresentados pelos senadores favoráveis ao processo, como na charge dos ratos, podemos ver a presença de Deus, da Família, e da Pátria. Interessante é ressaltar que como Latuff sempre faz essa analogia de golpe 64-2016 nota-se que o golpe de 1964 também apresentou elementos semelhantes, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que em 1964 serviu de base de apoio para os militares. A Marcha evocava o espírito conservador da nação e tinha a forte presença do espírito a favor de Deus, da Família e da Pátria. Anderson José Guisolphi apresenta essa noção:

Os manifestantes católicos saíram às ruas em repúdio ao governo nacionalista de João Goulart, que, segundo acreditavam, possuía um viés comunizante e caminhava para a destruição dos valores religiosos, patrióticos e morais da sociedade. Tal evento legitimou uma espécie de pedido às Forças Armadas por uma intervenção salvadora das instituições e, posteriormente ao golpe, passaram por uma ressignificação de seu discurso, transformando-se numa demonstração de legitimação do golpe militar^{XX}.

Um processo abundantemente semelhante que impulsionou o golpe de 2016, em que eram continuamente exaltados a pátria, a família, Deus, e o discurso anticorrupção, que, segundo os agentes favoráveis ao processo de impeachment, seria a salvação e a resolução do problema, trazendo o Brasil novamente para um caminho “certo”, como ressaltado nas falas de alguns senadores, principalmente na fala do então presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ): "Que Deus tenha misericórdia desta Nação, voto sim", fala em rede de televisão aberta.

Latuff também ilustrou essa questão da “moralidade” presente nos discursos e novamente apresentou os parlamentares como ratos:

FIGURA 10



Fonte: Latuff Cartoons. 2016. Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/2016/05/12/charges-do-impeachment-de-dilma-rousseff/>. Acesso em: 27 de Julho de 2019

As ligações do golpe parlamentar-midiático brasileiro, o tempo todo, é lembrado por Latuff em semelhança ao golpe militar de 1964. Como citou Karl Marx no 18 de Brumário de Luís Bonaparte. “[...] os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”^{XXI}. A frase citada por Marx diz bastante a respeito dos

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

golpes; nesse mesmo parágrafo, o autor faz uma análise do golpe de estado feito por Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão, tempos depois de seu tio ter realizado o mesmo feito, transformando a França em um império.

O golpe de Napoleão foi a tragédia. A repetição do golpe, por Luís Bonaparte, fora a farsa. O Brasil, dessa forma, se estabelece com seu processo histórico recheado de tragédias e farsas. Se um golpe de Estado é definido como subversão da ordem institucional, ao analisar o processo histórico do Brasil desde 1822, podemos levar em consideração que tivemos nove golpes. Segundo Claudio Fernandes, o Brasil já teve os golpes:

[...] A “Noite da agonia”: dissolução da Assembleia Constituinte de 1823. [...] Golpe da Maioridade (1840). [...] Proclamação da República (1889). [...] Golpe de 3 de novembro de 1891. [...] O curioso caso de Floriano Peixoto. [...] Revolução de 1930. [...] “Estado Novo” (1937). [...] Deposição de Getúlio Vargas em 1945. [...] 31 de março a 2 de abril de 1964^{XXII}.

Na citação acima, é notável a ausência de 2016, pois o artigo foi escrito antes. Logo, temos dez golpes na contagem da história política do país. Há golpes que mudam de face, de jeito, porém continuam roubando o voto que se fez a vontade popular. Nesse sentido, destruindo o princípio democrático no qual os cidadãos têm direito de eleger de representantes. Com isso, Latuff faz analogia na Figura 11 da morte da democracia, pois, ao se efetuar o Golpe de 2016 contra a ex-presidenta Dilma, se anula a eleição na qual a presidenta foi eleita como representante da maioria votante.

FIGURA 11



Fonte: Latuff Cartoons. 2016. Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/2016/05/12/charges-do-impeachment-de-dilma-rousseff/> Acesso em: 27 de Julho de 2019

Até 2016, temos um período de 31 anos desde a redemocratização. Nesse intervalo de tempo, há de se considerar que houve várias controvérsias democráticas; contemos o primeiro presidente eleito diretamente, em 1990, Fernando Collor, que sofreu o processo de impedimento (impeachment) como já citado anteriormente neste trabalho. Desde a redemocratização, temos 2 presidentes eleitos indiretamente e uma história democrática marcada por golpes.

Ao comparar e dizer que a democracia está morta, Carlos Latuff, na figura/charge 11, evoca a da raiz da política brasileira, e nos lembra com seu simbólico caixão o velório do Brasil, pois a democracia foi morta ao se golpear a vontade popular e impedir uma presidenta eleita com 54 milhões de votos, em que a maioria dos seus opositores eram fichados^{XXIII} e eram claramente favoráveis ao seu vice-presidente, Michael Temer. Exemplo disso é o deputado federal Wladimir Costa (SD-PA) que votou favorável ao impeachment e um ano

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

depois ter feito uma tatuagem com o nome do vice Michel Temer e que fez um discurso^{XXIV} o defendendo, contra o processo aberto na Câmara dos Deputados acerca de denúncias de corrupção passiva.

Carlos Latuff ilustra sua visão face aos participantes favoráveis ao impedimento da ex-presidenta, os coloca quase todas as vezes como ratos, como lobos em pele de cordeiro, picaretas, expondo que os deputados e os senadores que votaram a favor disso eram pessoas corruptas, sujas, e que, apesar de no passado já ter criticado Dilma, se mostra a favor da mesma por conta do seu viés democrático enquanto chargista e ativista político.

Retrospectiva democrática

Em 2020, o Brasil completa 35 anos de democracia. O país viveu uma ditadura entre os anos de 1964 e 1984. Nesses 35 anos, aconteceram 2 impeachments. A democracia no Brasil se mostra completamente frágil, contando apenas em seus 31 anos com 5 presidentes eleitos democraticamente por voto popular, dos quais 2 deles sofreram impeachment, sendo eles Fernando Collor de Mello e Dilma Vana Rousseff.

No ano de 1991, em 29 de setembro, por 441 a 38 votos, a Câmara de Deputados votou a favor do impeachment do então presidente Collor, que foi denunciado pela mídia por fraudes financeiras, compras superfaturadas, e então foi afastado do cargo, marcando pela primeira vez a história da política nacional; um presidente eleito pelo voto popular foi afastado por vias democráticas pelo processo de impeachment. A presidenta Dilma foi então destituída do seu posto em 31 de agosto de 2016 pelo processo de Impeachment, porém, diferente do Ex-presidente Fernando Collor de Mello, foi por vias “semilegais”.

A relação da mídia e a democracia no Brasil possui laços estreitos e antigos, pois há mais de 50 anos se consolida no país a indústria de comunicação de massas, que também é o principal veículo de informações e de entretenimento do país. Além do seu impacto cumulativo a longo prazo sobre representações de mundo de seus usuários, a mídia, em sua totalidade temporal, teve participação direta e importante de grandes episódios da nossa história política. Os meios de comunicação alteram nossa maneira de ver o mundo que nos cerca, um mundo que pode ser ampliado brutalmente, tanto por meio dos fatos que o jornalismo transmite quanto da experiência passada em mensagem por meios das suas novelas e séries.

Ao refletir sobre o período de 2015 a 2016 no Brasil, no qual ocorreu o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff, podemos apontar a influência da mídia e refletir a etimologia da palavra ‘golpe’ para caracterizar o impeachment como uma representação de um determinado grupo, que se enquadra como uma narrativa da história, que foi postulada e traz representações espelhadas em discursos construídos, como cita Chartier “As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas... a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”^{XXV}. Já sua expressão, como aponta Kalina Silva:

A expressão golpe de Estado vem do francês coup d’Etat, fórmula empregada para designar Golpe de Estado 174 a tomada de poder por Napoleão no 18 Brumário, quando este, em 1799, assumiu o poder da França pós-Revolução Francesa, substituindo o governo do Diretório por um consulado com três nomes, o seu incluído, e logo pelo seu governo individual e ditatorial.^{XXVI}

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Perante isso, golpe de Estado passou a ser uma maneira de nomear qualquer tipo de movimento de subversão da ordem constitucional, toda a destruição de um regime político por elementos de dentro do Estado, principalmente as Forças Armadas. Sendo o golpe de Estado um movimento anticonstitucional, que em sua maioria possui caráter violento, e sempre tendo um objetivo além, no caso, usurpar o poder para si em forma de autoritarismo, tendo pós golpe de Estado, a instauração de um regime ditatorial.

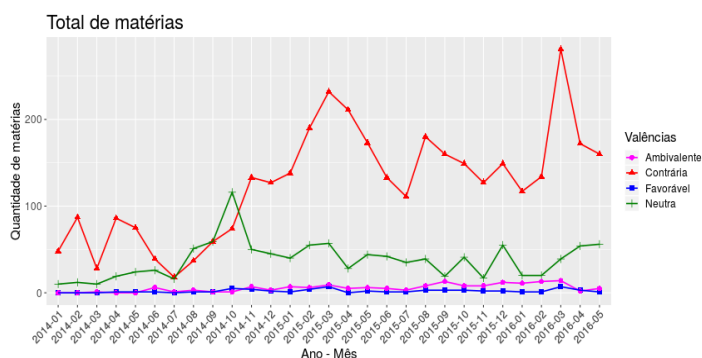
A percepção do golpe de 2016 é analisada como fruto de uma sociedade que foi coletivamente levada a acreditar na credibilidade desse “processo” de impeachment da presidenta Dilma Vana Rousseff, pois, para o estabelecimento político da finalização desta articulação do impeachment de 2016, foi preciso um aparato de validação, ou seja, a aceitação popular, uma vez que pensamos isso dentro de um Estado democrático, e até mesma a incitação de um clamor por parte do povo para a ocorrência do golpe, em que a busca era por “justiça”, dado que para a atual democracia brasileira era necessário algo usado como sustentação. Nesse caso, o “clamor das ruas”, que era visto através dos inúmeros tipos de protestos contra a presidenta do país.

Esse pensamento popular favorável a um processo, inconstitucional segundo os analistas do Direito, foi construído pela grande mídia e segundo a professora Camargo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

O caso do impeachment da ex Presidenta Dilma mostra-se incoerente na medida em que atentou contra o princípio democrático. Desrespeitou o voto popular sem uma justificativa suficiente. E se mostrou inconsistente, porque contrariou o sistema presidencialista, que pressupõe um Executivo com independência para governar^{XXVII}.

Segundo o site de pesquisa de manchetes Manchetômetro^{XXVIII} “*Dilma Rousseff y Nicolás Maduro son los personajes más nombrados de manera negativa (79% y 75%, respectivamente).*” A mídia se adapta para o discurso que reflete seu interesse, e o interesse dos que a ela se aliam, pois, ao se analisar toda a trajetória das manchetes disponíveis no recorte temporal estabelecido por este trabalho, podemos analisar a drástica mudança do comportamento das notícias em relação ao governo de gestão da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff. O gráfico disponível pelo instituto de pesquisa de manchetes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Manchetômetro em 2019, nos fornece informações desse processo:

Figura 1; PT/DILMA 2014-2016



Fonte: Manchetômetro (2019)

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

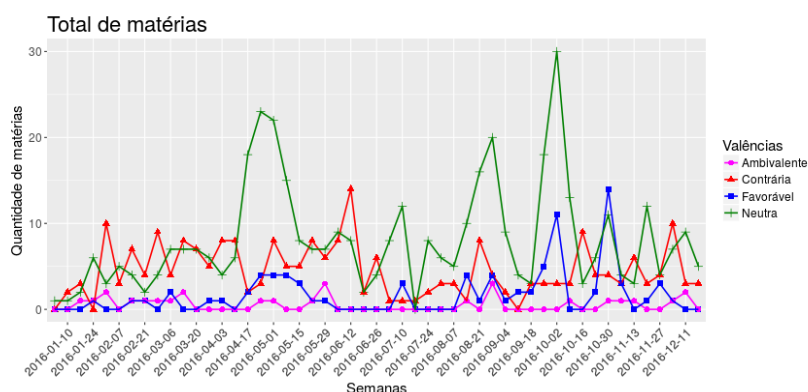
KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

O gráfico disponibilizado mostra as manchetes ligadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e à ex-presidenta Dilma Vana Rousseff dos principais jornais e revistas eletrônicas de circulação do país. O gráfico apresentado expõe informações de janeiro de 2014 a maio de 2016 e se nota claramente um aumento exponencial nas notícias que se mostram contra a então presidenta.

O processo ocorrido no cenário político brasileiro, em 2016, pode ser caracterizado como um golpe político midiático, visto que os principais veículos de informação do país estavam contra a presidenta, que foi explicitamente perseguida e subjugada antes mesmo do golpe de 2016 ter sido consolidado, além dos casos de misoginia criadas pela população.

Ao analisar os principais meios de informação do país durante o período de dezembro de 2015 a dezembro de 2016, a partir do site Manchetômetro, é possível concluir que toda notícia ligada a presidenta Dilma Rousseff e ao seu partido político, o Partido dos Trabalhadores (PT), apareciam de maneiras desfavoráveis, construindo uma mentalidade coletiva contrária, um perfil negativo aos olhos das camadas usuárias desses veículos. E isso é visível ao se comparar a oposição política a qual solicitou o pedido de impeachment da ex-presidenta, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) que nos mesmos veículos de mídia aparecem notícias positivas, ou ambivalentes.

Figura 2; PSDB 2015/2016



Fonte: Manchetômetro (2019)

Dessa maneira, avaliando os gráficos das figuras 1 e 2, podemos notar que, ao se falar do partido político da presidenta Dilma Vana Rousseff, os grandes veículos de mídia do país adotam um posicionamento contrário a ela. Já ao se avaliar a oposição na figura 2 do (PSDB), temos uma ambivalente e favorável, visto isso, com o estabelecimento de uma mentalidade coletiva de que o impeachment seria algo bom e válido através de um pensamento forjado por uma elite que controla as mídias e os interesses políticos. O Brasil tem um pensamento coletivo formado pela mídia e que foi utilizado de suporte para se instaurar um golpe.

Uma das falas mais marcantes a serem avaliadas sobre esse processo é a fala do então Senador Romero Jucá (PMDB-RR), que exercia a função de Ministro do Planejamento em 2016, e teve uma conversa de áudio vazada na imprensa pela Folha de São Paulo, em que sugeria uma articulação para parar a Lava-jato com o processo de impeachment da presidenta Dilma Vana Rousseff. Os áudios ocorreram semanas antes da votação do impeachment na Câmara, segundo a transcrição divulgada pela Folha de São Paulo, em 25 de maio de 2016^{XXIX}.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

JUCÁ - Você tem que ver com seu advogado como é que a gente pode ajudar. [...] Tem que ser política, advogado não encontra [inaudível]. Se é político, como é a política? Tem que resolver essa porra... Tem que mudar o governo pra poder estancar essa sangria. [...]

MACHADO - Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel [Temer].

JUCÁ - Só o Renan [Calheiros] que está contra essa porra. 'Porque não gosta do Michel, porque o Michel é Eduardo Cunha'. Gente, esquece o Eduardo Cunha, o Eduardo Cunha está morto, porra.

MACHADO - É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

JUCÁ - Com o Supremo, com tudo.

MACHADO - Com tudo, aí parava tudo.

As falas deixam explícito que não era uma busca pelo combate à corrupção, ou porque a então presidenta havia cometido qualquer tipo de cenário que possibilitasse seu impedimento. Machado cita ser um acordo, em que se coloca o vice-presidente de Dilma, Michael Temer, e consolida um acordo nacional, em que todas as instâncias dos poderes estavam envolvidas, e por fim cita que dessa maneira parava “tudo”, fazendo menção das investigações da Lava-jato.

A Operação Lava-Jato da Polícia Federal é um conjunto de investigações que começaram em 17 de março de 2014 e conta com mais de 61 fases operacionais autorizadas, investiga crimes corrupção seja ativa ou passiva, lavagem de dinheiro, gestões fraudulentas, obstrução da justiça e recebimento de vantagem indevida. Segundo o Ministério Público Federal, em seu site em 2019:

O nome do caso, “Lava Jato”, decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. Embora a investigação tenha avançado para outras organizações criminosas, o nome inicial se consagrou.

A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia.

A operação ficou demasiadamente conhecida no Brasil por investigar e prender agentes políticos. O desmonte democrático começou bem antes de 2016. O golpe em si começou a ser orquestrado quando a presidenta eleita democraticamente, Dilma Vana Rousseff, venceu as eleições de 2014 em cima da oposição, na Figura do então Senador Aécio Neves (PSDB), por uma diferença de mais de 4 milhões de votos válidos^{XXX}. A oposição, insatisfeita com a vitória da presidenta Dilma, logo no início de seu segundo mandato consecutivo, estremeceu a instabilidade política e se engendrou nos alicerces democráticos. Assim, destaca:

[...] O voto de 54 milhões de pessoas foi substituído por uma eleição indireta e 61 senadores alçaram a presidência do Brasil, Michel Temer, e seu plano "ponte para o futuro", de conteúdo privatista e neoliberal, uma agenda que foi rejeitada nas últimas quatro eleições^{XXXI}.

Adiante, uma das falas vazadas dos senadores que solicitaram o processo de impeachment destaca isso; “JUCÁ - Não, esquece. Nenhum político desse tradicional ganha eleição, não”^{XXXII}. em outras palavras, é necessário uma articulação alegórica construída para

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

vencer as eleições, pois, fazer a velha democracia, na visão de Jucá, não os faz vencer mais. Por isso, é necessário construir um golpe.

Considerações finais

Diferente de 1964, quando a liberdade de expressão não era tão operante quanto no tempo presente, Latuff pode expressar suas opiniões e ilustrá-las, mostrando a importância das charges para a História, enquanto memória, e também não obstante como uma rica fonte para entender este processo histórico da política brasileira.

As charges do golpe de 2016 são fruto dos processos da política brasileira e sua importância é imprescindível, pois a fonte serve para construir nossa narrativa historiográfica acerca dos processos que temos através do tempo. Dessa forma, ao ilustrar de maneira crítica, como Carlos Latuff faz, é significativo para análise desse período em questão. Como cita o especialista Fabiano Coelho, “Compreende-se que as charges não estão deslocadas das representações construídas pelos discursos escritos”^{XXXIII}, isto é, as pessoas e suas representações aparecem nas charges.

E quando nos debruçamos sobre essa fonte, a charge, podemos compreender mais sobre o período que foi feita, podemos buscar entender suas motivações, desdobramentos, implicações, e suas ações. Novamente, podemos analisar sobre as charges sua cultura política, suas raízes. Ao considerarmos alguns aspectos da cultura política do Brasil, como a conciliação, o autoritarismo, podemos buscar tudo isso nas fontes e então compreender o processo histórico em seu momento temporal. Del Priore comenta esta questão:

O conhecimento do passado também é dificultado em função dos testemunhos que dele sobrevivem, quase todos sob a forma de documentos escritos e, portanto, dependentes da alfabetização, habilidade que se distribuía, como se distribui em nossos dias, de maneira muito desigual na sociedade brasileira^{XXXIV}.

Essa tarefa de escrever sobre o presente sempre cai na pertinente questão sobre contrariar ou não os testemunhos vivos. Porém, é interessante analisar que como historiadores, partindo do ofício utilizando charges como fontes, também somos testemunhas e fazemos uso de testemunhos; logo, a construção de todo esse ensejo é pautada nas representações criadas dentro do nosso imaginário. O que difere é o ofício utilizado pelo método científico aqui construído e apontado, demonstrando que as charges são fontes que colaboraram para manutenção da memória, pois carregam o momento em que foram produzidas, não perdendo sua intencionalidade com o tempo. Além de compreender a essência do processo político de impedimento de uma presidenta, a partir do testemunho vivo do tempo presente para elaborar suas críticas. Ver sua visão na essência do momento em que é ilustrada.

O golpe de 2016 é assim chamado por caracterizar uma tomada de poder democrático através de uma alegoria legal. Creio que chamar só de golpe de 2016 é mais pertinente do que pôr em análise os outros tipos de termos utilizados pelas mídias, pois, em suma, ele foi midiático, foi parlamentar, pseudo-legal e, acima de tudo, também de interesses, em que uma ampla oposição se manifestou insatisfeita com mais uma derrota, e apelou para malabarismos “legais”. Uma aliança entre as oposições ajudou a consolidá-lo, principalmente, a partir do espetáculo televisivo desse período, em que vimos deputados defendendo interesses próprios, e agentes corruptos votantes em grandes acordos. Este trabalho buscou mostrar, a partir da produção de Carlos Latuff, como construíram uma representação do evento do Golpe de 2016

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

e como podemos analisá-lo e compreendê-lo a partir das charges e produzir a narrativa historiográfica dando sua importância.

Notas

- I. Graduanda de História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), E-mail: Kleire@Icloud.com. Este trabalho originalmente era parte de uma pesquisa de Iniciação científica financiado pelo programa Institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC) do CNPq, porém foi adaptado e reescrito.
- II. (ELIBIO; SCHURSTER; PINHEIRO, 2019, p.21)
- III. (CHARTIER, 1990, p. 17)
- IV. Idem;
- V. (VASCONCELOS, D. 2009 p.02)
- VI. Idem.
- VII. (BRASIL. Lei n1079. 1950)
- VIII. (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2016, p. 32)
- IX. (RAMOS 2014)
- X. Idem.
- XI. (LINS, 1986. p.64)
- XII. (DEBORD, 2003. p. 8)
- XIII. (Portal Vermelho, 11 maio. M. 2016 1)
- XIV. (COELHO, 2016, p.10)
- XV. (GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 14)
- XVI. (SALIBA, 2002, p.57)
- XVII. (MAUAD 2016)
- XVIII. (Brasil de Fato. 01 de abril. T. 2017)
- XIX. (Folha de São Paulo, n.p. 17 abril de 2016)
- XX. (GUISOLPHI, 2010, p. 1)
- XXI. (SALIBA 2002)
- XXII. (MARX, 1999, p.6)
- XXIII. (FERNANDES, n.p, 2017)
- XXIV. A maioria dos senadores investigados votou por impeachment. Disponível em: exame.abril.com.br/brasil/maioria-dos-senadores-investigados-votou-por-impeachment/
Wladimir Costa faz discurso inflamado em defesa de Temer. Disponível em: exame.abril.com.br/brasil/wladimir-costa-faz-discurso-inflamado-em-defesa-de-temer/
- XXV. (CHARTIER, 1990, p. 17))
- XXVI. (SILVA; SILVA, 2009. pg. 173)
- XXVII. (CAMARGO, 2016. p.10-11)
- XXVIII. Este site não está relacionado a nenhum órgão de governo, autoridade pública, empresa pública. O site disponibiliza apenas com o caráter informativo dados sobre candidatos e sobre as eleições de 2014.
- XXIX. (Folha de São Paulo, 25 maio de 2016)
- XXX. (Eleições 2014. 2 out. 2014.)
- XXXI. (RUDÁ, O. 2016. n.p)
- XXXII. (Folha de São Paulo, 25 maio de 2016)
- XXXIII. (COELHO, 2016, p. 35)
- XXXIV. (PRIORE, 2010, p.220)

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Referências

ALMEIDA, J. M; OLIVEIRA, A. M. **O poder da palavra: Linguagem, Ideologia e Educação**. vol. 6, num. 16, 2016.

BRASIL DE FATO. **Conheça as semelhanças e diferenças entre os golpes de 1964 e 2016**. [S.I] Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/as-semelhanças-e-diferenças-entre-os-golpes-de-1964-e-2016/> Acesso em: 16 de maio de 2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 1.079 de 10 de abril de 1950. Rio de Janeiro, 10 abril. 1950.

CAMARGO, M. M. L. **A inconstitucionalidade do impeachment por inocência e inconsistência sistemáticas**. 2017. Conpedi.

CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. **Domínios da História. Ensaios de Teoria e metodologia**. 5 edições. Rio de Janeiro. Editora Campus Ltda. 1997.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

COELHO, F. **As Charges e suas potencialidades como fonte histórica**. 2016. XIII Encontro Regional de História. Coxim-MS. Pág. 10.

_____. **Entre o bem e o mal: representações do MST sobre os presidentes FHC e Lula (1995-2010)**. Dourados, UFGD. 2014.

Diário Causa Operária. 2016. Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/acervo/blog/2016/05/14/golpe-nao-esta-consumado/#.XOts0VfPzIU> Acesso em: 21 de maio de 2019.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/golpe/> Acesso em: 17 de dezembro. 2018.

FERNANDES, C. “Quantos golpes de Estado houveram no Brasil desde a Independência?”; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historia/quantos-golpes-estado-houve-no-brasil-desde-independencia.htm>>. Acesso me 30 de maio de 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Folha Digital. poder. Veja frases dos deputados durante a votação do impeachment. 2016. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml Acesso em: 20 de maio de 2019

_____. **Em diálogos gravados, Jucá fala em pacto para deter avanço da Lava Jato**.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml> Acesso em: 10 de maio de 2019.

G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/12/milhares-de-brasileiros-tomam-ruas-pelo-impeachment-de-dilma-rousseff.html> Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

GAWRYSZEWSKI, A. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. Domínios da imagem, Londrina, 2008.

LATUFF, C. **#Charge de Dilma Rousseff vira banner gigante em Brasília! – Via @candinho1979**. Latuff Cartoons. 2012. Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/2012/07/18/charge-de-dilma-rousseff-vira-banner-gigante-em-brasilia-via-candinho1979/> Acesso em 17 de maio de 2019.

_____. Opera Mundi. 2016. **Imprensa do exterior repercute processo de impeachment contra Dilma Rousseff**. Disponível em: operamundi.uol.com.br/opiniao/43882/charge-do-latuff-imprensa-do-externo-repercute-processo-de-impeachment-contra-dilma-rousseff Acessado em: 20 de maio de 2019

LINS, Ê. 1986. **A Charge Política**. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/13/cat/2063/a-charge-política-.html> acessado em: 17 de dezembro de 2018.

Manchetometro. 2017. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/index.php/analises/mediometro/2017/10/18/resultados-preliminares-basados-en-las-visualizaciones/> Acessado em: 18 de Dezembro de 2018

PRIORE, M. D. **Uma breve história do brasil**. Planete. 2010. São Paulo.

MARX, K; ENGELS, F. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. EbooksBrasil. 2000.

MAUAD, A.M. (1996) **Fotografia e História**. Biblioteca Nacional digital. Rede de memória virtual Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.br>

MIANI, R. A. **Coletânea de charges de Carlos Latuff**. UEL. 2016

ROUSSO, H. **A memória não é mais o que era**. In: AMADO, Janaína.

RUDÁ, O. 2016. **A construção de um estado de exceção permanente no Brasil, em 64 e em 2016**. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/columnistas/onaruda/254051/A-constru%C3%A7%C3%A3o-de-um-estado-de-exce%C3%A7%C3%A3o-permanente-no-Brasil-em-64-e-em-2016.htm> Acessado em: 8 de Dezembro de 2018.

SALIBA, E. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O GOLPE DE 2016 NO BRASIL POR MEIO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA

SILVA, K. V. SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo. Editora Contexto. 2005.

TODOROV, T. **Los abusos de la memória.** Paris: Arléa, 1995. TOLEDO, 1997, p. 42

VASCONCELOS, D. C. **A charge na televisão: adaptações, características e função.** Revista Eletrônica Temática Ano. V. n. 11, nov. 2009. Disponível em <<http://www.insite.pro.br/2009/Novembro/Artigo%20DENNISE.pdf>>. Acesso em 10 de ago. 2015, p.02.